

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 168 — Domingo, 26 de Agosto de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

AVENÇA

A PEQUENA IMPRENSA

— essa desconhecida...

COMO PODE O SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS SER UM ORGANISMO REPRESENTATIVO DA SUA CLASSE?

POR muito estranho e paradoxal que possa parecer, o Sindicato Nacional dos Jornalistas não pode ser considerado um organismo representativo de uma classe, apesar de se intitular, pomposamente, de nacional. Tal como funciona presentemente, o Sindicato Nacional dos Jornalistas é apenas uma associação que procura zelar (?) por um limitado número de indivíduos.

O espírito que anima as directrizes do sistema político vigente, baseado no corporativismo, não encontra nele a sua expressão, antes, pelo contrário, o Sindicato Nacional dos Jornalistas nega em absoluto o princípio que informa o sistema no qual está integrado. Só podem fazer parte dele, como seus sócios efectivos, os indivíduos que prestam serviço nos jornais diários do País, muito embora vários deles sejam de insignificante valor e de não menos insignificante tiragem. Semanários há, sem que seja necessário recorrer a um Mundo Desportivo, Record, A Bola, Século Ilustrado, etc., que são bem mais importantes, não só graficamente como sob o ponto de vista redactorial.

DR. ALONSO VASQUES

Regressou das Caldas de Monchique, onde esteve a fazer o seu habitual tratamento de águas, o nosso prezado amigo sr. dr. Alonso Vasques, ilustre director do Hospital da Misericórdia desta vila, e antigo e dedicado presidente da Câmara Municipal.

PARA QUANDO O BAIRRO PISCATÓRIO de Monte Gordo

VIMOS nos jornais que vão ser ampliados com 76 e 68 casas, respectivamente, os bairros dos pescadores de Ílhavo e Póvoa de Varzim. E lamentamos que até agora não se tenha tomado qualquer decisão sobre o malfadado bairro dos pescadores de Monte Gordo, embora saibamos que o sr. comandante Henrique Tenreiro está empenhado em solucionar o caso.

Não podemos deixar de focar a circunstância singular de que, sendo Vila Real de Santo António um dos maiores contribuintes do País para as organizações de pesca, não tenha no seu concelho um bairro de pescadores, nem sequer uma Casa de Pescadores, quando é certo que de tais melhoramentos de carácter social disfrutam há muito outras terras que não podem equiparar-se com a nossa, nem em número de artes, nem em volume de pesca, nem em matrículas de pescadores.

Continuamos a esperar a justiça que merecemos.

e de expansão. Contudo os redactores destes periódicos não são considerados jornalistas pelo respectivo sindicato, que apenas tem uns escassos trezentos associados e cuja quotização auferida não poderá, provavelmente, bastar a largos vãos.

Este facto triste do jornalismo português e que, possivelmente, deve ser

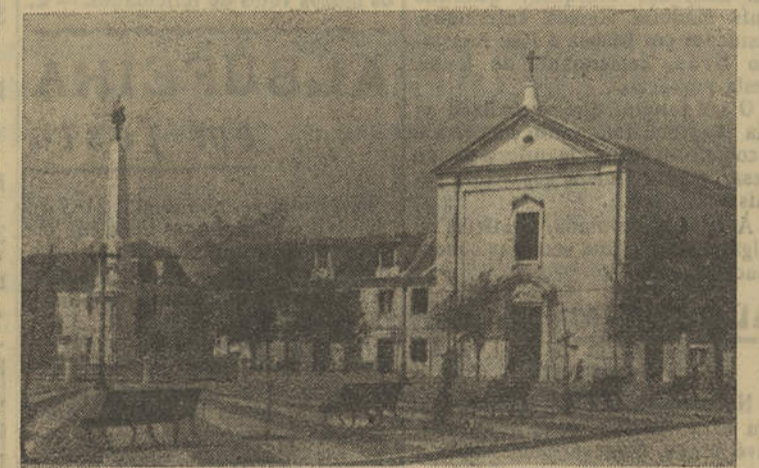
(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

NOTÍCIAS E APONTAMENTOS

Corrente eléctrica aos domingos

ATENDENDO aos reparos que há tempos foram feitos por este semanário, a pedido de alguns assinantes, no sentido de ser fornecida a esta vila energia eléctrica aos domingos e feriados, na parte da manhã, resolveu o Conselho Administrativo dos Serviços Municipalizados que a ligação do fluido passasse a fazer-se a partir das 18 horas, naqueles dias. Já foi um pequeno benefício de 60 minutos, que permite ao público a audição do noticiário da Emissora Nacional, de que antes estivera privado.

Todavia, se quem superintende nos referidos serviços auscultasse o sentir da opinião pública, dar-se-ia conta de que a aspiração geral da população pombalina é ter sempre, aos Domingos, corrente eléctrica



IGREJA MATRIZ

A "VOLTA" NA NOSSA TERRA

FOI ENTUSIASTICO

o acolhimento dispensado aos desportistas da "Volta a Portugal em Bicicleta"

VILA Real de Santo António dispensou uma recepção condigna aos ciclistas da XIX Volta a Portugal, que aqui tiveram um dia de descanso, facto que na nossa terra ocorrera, pela última vez, há dezassete anos.

A organização, que a Federação Portuguesa de Ciclismo tinha entregue aos cuidados da Direcção do Lusitano, revelou-se impecável, de forma a merecer inteiramente as encomiásticas referências feitas pelos componentes da Cara-

FESTAS DAS ANGÚSTIAS em Hiamonte (Espanha)

DEVEM revestir-se este ano de excepcional brilhantismo as grandiosas festas que a vizinha cidade espanhola de Hiamonte celebra em honra da sua querida Padroeira, Nossa Senhora das Angústias, nos dias 7, 8, 9, 10 e 11 de Setembro próximo.

Das solenidades do programa destacam-se, particularmente, a Missa solene, com sermão; Procissão da Sagrada Imagem de Nossa Senhora das Angústias; Artísticos concertos musicais; Touzadas; Encontros de Futebol; Feira da cidade; Arraiais, Verbenas e vistosos fogos de artifício; Danças típicas andaluzas e muitos outros actos festivos e atracções.

O tráfego fluvial está assegurado, nos referidos dias, pela Empresa de Transportes do Rio

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

logo de manhã, tal como sucede nos restantes dias da semana. Há muitos consumidores que necessitam de electricidade para vários fins, e também existem radiófilos — e são a maioria — que aspiram a ouvir, nessas manhãs dominicais em que ficam em casa, os interessantes programas matinais da E. N. e do R. C. P., bem como a transmissão da

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

CELEBRAM-SE NO PRÓXIMO DOMINGO NESTA VILA

AS FESTAS EM HONRA DA PADROEIRA NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO

MAIS uma vez a gente da nossa terra vai prestar o seu preito de homenagem à Padroeira da freguesia, especialmente venerada pela classe piscatória, há longos anos, Nossa Senhora da Encarnação, cuja imagem sairá processionalmente no

próximo domingo, pelas ruas da vila. Estas festas anuais, que outrora coincidiam com as Festas da Vila e se revestiam de enorme luzimento e condigna pompa, por serem as do orago da paróquia, encontram-se actualmente limitadas às celebrações religiosas em honra da Virgem Padroeira de Vila Real de Santo António.

Este ano as festividades terão início no próximo dia 30 do corrente, quinta-feira, com um Tríduo solene preparatório, com sermão, exposição e bênção do Santíssimo Sacramento, bem como serviço de confissões para os fiéis, nos três dias de preparação para a festa.

No domingo, dia 2 de Setembro, o programa compreende os seguintes actos festivos: às 9 horas — Missa, comunhão geral e prática; às 12 horas — Missa solene, com sermão pelo rev. frei Mário Branco, orador das Festas; às 18,30 horas — Procissão com a veneranda imagem da excelsa Padroeira, N. Senhora da Encar-

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)



É CURIOSO — e instructivo — apreciar a mentalidade dos indivíduos em face das visitas que fazem ao estrangeiro, e por ela poderemos aquilatar do grau de cultura e educação que cada um possui.

De uma forma bastante geral, os estrangeiros que nos visitam procuram recrear-se com as magníficas paisagens em que o nosso

expressivas, estão bem colocadas e o conjunto é de notável harmonia. Vê-se que não estão ali por estar, mas estão porque têm de estar. Chama-se a esta circunstância arte.

Os vitrais, que têm sete metros de altura, ajustam-se rigorosamente ao ambiente arquitectónico manuelino do templo. Motivos da época — a esfera armilar, a cruz de Cristo, os cabos — predominam na composição, na qual não falta também, como não po-

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

OBRAS NAS CALDAS DE MONCHIQUE

Por despacho do sr. ministro das Obras Públicas, foi autorizada a transferência da verba de 650 contos para o edifício destinado a oficina de engarramento de águas, nas Caldas de Monchique.

CARTA DE LISBOA RECORDAÇÕES...

Pelo DR. F. FERNANDES LOPES

IN illo tempore... — quero dizer, precisamente no último ano do séc. XIX, ainda o Liceu de Faro, — o velho liceu do Largo da Sé, não tinha biblioteca...; e, em toda a cidade, não havia uma única livraria, — pois livraria não pode chamar-se à Tabacaria Havaneza, onde se reuniam a fumar e cavaquear uns conspicuos senhores da cidade, por se encontrarem à venda ali um ou outro romance da colecção

Horas de Leitura ou da colecção Perreira, além de livros escolares que também se vendiam numa outra papelaria...

O meio intelectual académico calcula-se assim qual fosse... E a minha vingança, como já disse, eram os Lusitadas.

Ora, a esse tempo existia ainda, nas águas de Faro, a pimpante corveta Duque de Palmela, como escola de alunos marinheiros, da invenção do benemérito Ferreira de Almeida. E precisamente naquele ano, viera para ali tirocinar, um guarda-marinha, que se chamava Jaime Anahory Athias — (mais tarde secretário da Presidência da República, desde o tempo do almirante Canto e Castro). Já não me lembro de como nos conhecemos; mas o que sei é que ele simpatizou com a minha vivacidade e eu com a sua ponderação, e ficámos, para todo o sempre, amigos, como se de há muito o fôramos, — amigos de tu, apesar de ele ser alguns anos mais velho do que eu. Recordo-o sempre com saudade, porque, além de boa inteligência que sempre reinou entre nós, lhe fiquei a dever o meu nascimento para a vida propriamente científica... Enclausurado no Camões, foi ele quem me abriu uma janela larga para o campo das ciências, falando-me da física, da astronomia, do Tycho-Brahe e do Képler, do cálculo integral e diferencial, em que ele era exímio.

E, para cúmulo final, sucedeu até isto: tratando-me como um irmão mais novo, como se dera o caso de ter regressado a Lisboa em 1901, no mesmo comboio em

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Constança

Agora, queridos amigos meus, vou falar-lhes da Constança. Nada, o que se chama nada, pessoa especial. Uma rapariga pobre, filha de gente pobre. Lá de dentro, Dornas, sei lá onde fica. Muito longe. Vejo servir, deitar mãos à vida, como diz ela.

Pessoas à minha beira dizem que a esta gente não se pode dar muita confiança. Que mais isto, mais aquilo, dá-se-lhes a mão e tomam o pé... Escuso de dizer mais: a queixa eterna da mulher burguesa contra as criadas de servir. Mas aqui era o contrário. A constança não se abria, mal falava. Pão, pão; queijo, queijo; e adiante. Olhava tudo e todos com aqueles olhos sabidos de camponesa

(CONTINUA NA 3.ª PÁGINA)

NOVO VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE OLHÃO

NA sala nobre da Câmara Municipal de Olhão, teve lugar, no passado dia 22, a cerimónia da posse do novo vice-presidente daquele Município, sr. Manuel Sebastião Júnior.

No acto, que foi concorridíssimo, vendo-se, entre a assistência, algumas das figuras mais representativas daquele concelho, discursaram os srs. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, presidente do Município olhanense, e o sr. José Reis Viegas Silva, presidente da comissão concelhia da União Nacional, que puseram em destaque as qualidades pessoais do empossado. Este agradeceu as referências feitas pelos dois oradores antecedentes, prometendo desempenhar com a maior dedicação as suas novas funções.

Ao novo vice-presidente da Câmara Municipal de Olhão, nosso muito prezado amigo sr. Manuel Sebastião Júnior, apresentamos cumprimentos, desejando-lhe as maiores felicidades no desempenho do seu novo cargo.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso amigo e prezado assinante rev. Padre dr. Serinardo Oliveira Rosa, ilustre secretário-geral da A. C. P., em Lisboa.

A bordo do paquete «Vera Cruz», partiu no cruzeiro em torno de África o nosso conterrâneo e prezado amigo sr. Raul Folque Flores, conceituado industrial neste centro.

Com sua esposa, encontra-se a veranejar, em Monte Gordo, o nosso prezado amigo sr. eng. José de Brito Folque, distinto investigador do Laboratório de Engenharia Civil, na Capital.

Com sua esposa, vimos nesta vila o nosso amigo sr. António Baptista Brito, conceituado comerciante e industrial em Lisboa.

Acompanhado de seu pai, foi a Lisboa fazer exame de admissão à Faculdade de Direito, em que ficou admitido, o nosso amigo sr. Sebastião Dias Santos Silva.

Vindo de Lisboa, encontra-se entre nós o nosso querido amigo sr. dr. Fernando Leonel Viegas Albares.

Com sua esposa, esteve nesta vila, com breve demora, de visita a sua família, o nosso amigo sr. Manuel José Moraes Rodrigues.

Encontra-se em Lisboa, de visita a sua família o nosso prezado amigo e colaborador sr. dr. Francisco Fernandes Lopes, distinto médico em Olhão.

Acompanhado de sua família, encontra-se a veranejar, na praia da Rocha, o nosso prezado amigo e colaborador sr. José dos Santos Stockler, residente em Faro.

Com suas filhas, encontra-se a veranejar, na Praia de Monte Gordo, a sr.ª D. Carminda Nola Oliva, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Alberto de Sousa Oliva, residente em Lisboa.

Fazendo o seu habitual tratamento de águas, encontra-se nas Caldas da Felgueira o nosso prezado conterrâneo sr. António dos Santos Rita, conceituado industrial.

Partiu, no paquete «Santa Maria», para a Venezuela, onde vai fixar residência, o nosso assinante sr. Amadeu Vieira Canelas, que nesta vila residiu vários anos.

A passar a época balnear, encontra-se na praia de Monte Gordo o nosso prezado amigo e colaborador sr. professor Trindade e Lima, residente em Lisboa.

Encontra-se na Praia da Rocha, com sua família, o nosso estimado assinante, em Lisboa, sr. Brás Cabrita de Almeida Conde, administrador do Banco Português do Atlântico.

Acompanhado de sua esposa, está a passar o verão em Manique do Intendente, Azambuja, o nosso distinto colaborador e prezado amigo sr. major José de Sousa Nunes.

Regressou da sua viagem à Alemanha e França o sr. engenheiro-agrônomo Acácio Madeira Pinto, nosso prezado amigo e distinto colaborador.

Já se encontra na sua casa de Monte Gordo, com sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo e assinante, em Lisboa, sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta.

Acompanhado de sua esposa e filho, encontra-se a veranejar em Monte Gordo o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Humberto de Brito Avó, médico pediatra na Capital.

Está a passar o verão na praia de Albufeira, com sua esposa, o sr. dr. Afonso Gonçalves Xavier Fernandes, meritíssimo Juiz de Direito em Silves e nosso prezado assinante.

Encontra-se na praia de Quarteira o nosso ilustre colaborador sr. dr. António de Sousa Pontes.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

A escassez da sardinha

Tem sido de grande anormalidade piscatória o presente ano. A sardinha, a espécie mais cobiçada, quase se mantém ausente e a pouca que se deixa enredar é de pequena dimensão. E isto precisamente num ano em que as perspectivas de exportação de conservas são animadoras! Contrastando com a falta de sardinha, a cavala afluíu em avalanches a Setúbal, Lisboa e Barlavento, e de tal modo que a sua pesca quase desinteressou os homens do mar, devido à escassa compensação do seu árduo trabalho. Além deste, registaram-se outros fenómenos que nos levam a admitir que se produziu qualquer alteração nas águas do Atlântico. Assim, contra o que é usual, algumas traineiras fizeram pescas importantes de gorazes, peixe que no geral é capturado pelos barcos do arrasto, e uma outra, no Norte, pescou tantos robalos que teve de andar a vendê-los de porto em porto. Quando chegou ao último local de venda, já o peixe estava estragado. No que respeita ao atum, também se registou anormalidade: mesquinha pesca de Direito na nossa costa, relativa abundância de Revez e boa pesca, como de costume, nas costas atlânticas da Andaluzia e de Marrocos. Esta anormalidade também se sentiu nos Açores, onde a pesca não foi muito abundante. E a verdade é que o peixe deu sinal de si, mas parecia alocado, permanecendo pouco tempo ao alcance dos pescadores. Em compensação abundantíssima pesca do bacalhau.

Para se avaliar quanto tem sido insignificante este ano a pesca da sardinha, vamos fazer a comparação das capturas desta espécie nas três zonas da nossa costa, durante os meses de Janeiro a Maio de 1955 e igual período de 1956. O primeiro número (quilos) refere-se à pesca no ano passado; o número entre parênteses diz respeito à pesca deste ano. Zona Norte, 10.963.765 (5.650.973); Zona Centro, 11.589.015 (8.827.408); Zona Sul, 5.938.371 (213.814). A diferença para menos foi de 66 por cento.

Segundo os entendidos, a chamada sardinha de Sueste, já de medida ideal para conserva, deve fazer o seu aparecimento, em quantidade, por alturas de Setembro.

Conquanto estes esclarecimentos pareçam não interessar muito os algarvios agarrados à produção

do mar e às rotineiras produções agrícolas indígenas, das quais a mais choruda tem sido a amêndoa, nem por isso deixaremos de lhes dar alguns números interessantes sobre a indústria de conservas vegetais na Itália. É claro que isto é apenas a título de curiosidade, pois nós bem sabemos — ou não fomos da mesma raça! — que tais esclarecimentos são inconsequentes. Mas é possível que aproveitem a alguém que não seja algarvio e não padeça dos males dos que moram neste delicioso país do Sul...

Para já, diremos que o valor da exportação das conservas vegetais em Itália atingiu, no ano de 1954, o valor de 33,3 bilhões de liras, correspondentes a 2,3 milhões de quintais, tendo sido a produção total no valor de 60 bilhões de liras. Só de derivados de tomate, produziram-se 2.520 milhares de quintais e de legumes, 200 milhares. A exportação de tomates pelados foi de 1.175.730 quintais e em conserva de 680.975 quintais. No que respeita a legumes, enlataram-se, enfrascaram-se ou embarcaram-se 90.000 quintais de ervilhas (griséis), 20.000 de feijão verde, 18.000 de pimentos, 15.000 de alcachofras, 25.000 de pimentões e 32.000 de beringelas, alcaparras, etc. Em resumo, para não aborrecer o leitor com enfadonhos números, diremos que em 1954 a Itália exportou 26.100 milhões de liras de derivados de tomate; 1.343 de legumes em conserva e 5.520 de conservas e sumos de frutas, o que tudo soma 32.963 milhões de liras, correspondentes a 2.315.514 quintais de produto. No que respeita a tomates pelados, foram a Inglaterra e os Estados Unidos os maiores compradores, figurando também como grande comprador de conserva de tomate a África Equatorial Francesa. No que respeita a legumes em conservas, vem à cabeça de todas a Inglaterra, que no primeiro semestre do ano passado adquiriu 18.450 quintais. É também a Inglaterra a mais interessada no sumo de limão, de que comprou, naquele período, 50.467 quintais, seguindo-se a Alemanha Ocidental, com 14.008.

Mas isto, como dizemos, é apenas a título de curiosidade e sem quaisquer consequências no entusiasmo e na ganância dos algarvios. — J. B.

Anuncie neste Jornal de grande expansão em todo o país.

Conservas vegetais italianas interessantes muito os algarvios agarrados à produção

S I M . . .
Deseja comprar V. Ex.^a lindas ofertas em VIDRO ou LOUÇA «VISTA ALEGRE» não pagando luxo?
SÓ NA
MERCEARIA NOVA
DE
JOSÉ BENTO DE SOUSA e FILHO
RUA BARÃO DO RIO ZÉZERE, 19
VILA REAL DE SANTO ANTONIO



PROVINCIA

TAVIRA

Festa em Santa Catarina

Realizou-se no passado Domingo, 19 do corrente, a festa maior desta povoação cerca de Tavira. Infelizmente, não sabemos porque, a empresa que detém o exclusivo dessa carreira não organizou carreiras nesse dia, sendo a um Domingo. Muita gente de Tavira, que desejava assistir a esta festa, esteve inibida de ir até lá, por não haver transportes. Não faz sentido este estado de coisas, quando outras empresas de camionagem, que exploram outras carreiras no concelho de Tavira fazem nos dias de festas, com resultados animadores, carreiras extraordinárias.

Festa em Santa Luzia

Realizam-se hoje, dia 26, nesta povoação do concelho de Tavira, as tradicionais festas a Santa Luzia. Haverá procissão, arraial, fogos de artifício etc. Nos dias de festa estão assegurados os serviços de camionetas entre Tavira e Santa Luzia.

Sociedade Orfeónica

Nesta sociedade recreativa realizou-se mais um espectáculo teatral com o seu Orfeão e Grupo Cénico. Não assistimos ao mesmo, mas pelo que nos foi contado agradou. Foi notado por grande número de sócios o facto de os preços, tanto para sócios como para não-sócios, terem sido os mesmos. — C.

LUZ DE TAVIRA

Junta de Freguesia

A Junta de Freguesia acaba de dotar esta localidade com um pequeno mas muito importante melhoramento, cuja falta há muitos anos se fazia sentir, mandando calcetar o logradouro que circunda a Igreja Matriz, na sua parte sul. Termina assim com o aspecto desolador a quem por tal artéria passava, principalmente aos muitos turistas que, ao depararem com a linda porta artisticamente talhada, do lado lateral do referido templo que dá para a estrada nacional, de grande valor artístico, ali se detinham a admirá-la, muitas vezes envolta em lama ou poeira.

Segundo nos informam, a mesma Junta vai mandar colocar na fonte pública uma bomba manual para tiragem de água, que não só servirá para consumo público mas também para que as sentinas públicas passem a ter um pouco mais de limpeza, que nunca é demais e de que as mesmas tanto carecem.

Neerologia

Faleceu, no dia 21 do corrente, nesta localidade, a sr.ª D. Maria da Conceição Pires, de 61 anos de idade. A falecida, que deixa viúvo o sr. Manuel Pires Florêncio, era mãe das sr.ªs D. Maria José Pires Madeira Ramos, D. Maria Amélia Pires Ramos e D. Maria Regina Pires Brás; sogra dos srs. Victor Madeira Ramos, chefe da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, residente em Lourenço Marques, Quintino Luís Madeira Ramos, enfermeiro, residente em Lisboa e José Anastácio Brás, comerciante de frutos nesta povoação.

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte, foi muito concorrido e constituiu grande manifestação de pesar, pois a finada gozava de gerais simpatias.

A família enlutada, «Notícias do Algarve» apresenta sentidas condolências. — C.

ALCOUTIM

Nascimento

No passado dia 19 do corrente, em casa de seus pais, nesta vila, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Antónia Gonçalves, esposa do sr. Lourenço Fernandes de Brito, residente em Olhão.

A recém-nascida, a quem foi posto o nome de Maria Carolina Gonçalves de Brito, foi baptizada no dia 21 do corrente, tendo apadrinhado o acto o sr. Agostinho da Rosa Peres e a menina Utilia Maria Gonçalves.

Tesoureiro da Fazenda Pública

No passado dia 20 do corrente, tomou posse do cargo de tesoureiro da Fazenda Pública deste concelho o sr. Armando Piçarra Prouença, que desempenhava as funções de proposto de tesoureiro no concelho da Covilhã.

Falecimento

Após longo sofrimento, faleceu nesta vila, no passado dia 16 do corrente, o sr. António Vicente da Palma, de 66 anos de idade, natural de Coito — Pereiro — e há muitos anos aqui residente.

Notícia Pessoal

Acompanhado de sua esposa, encontra-se aqui a passar alguns dias, junto de sua família, o sr. Carlos Alfredo de Brito, residente em Lisboa. — C.

ODELEITE

Mercado mensal de gados

Foi fraquíssimo o primeiro mercado depois da nova reorganização. Só aos leigos admirará o insucesso, os veteranos deviam antevê-lo tal como foi.

Anunciado convenientemente por editais da Câmara Municipal, faltou, no entanto, que alguém adentro da periferia desta localidade, com direitos e deveres para tal, convidasse todos os agricultores e criadores de gados e exporem-no no dia indicado. A nossa sugestão explica-se: Reorganizado pela terceira vez, faz nascer a desconfiança ao montanhez, instintivamente. Passada a desconfiança, é sincero, leal e ocorre solícito, — diga-se em abono da verdade.

Feira do Azinhal

Assistimos, mais uma vez, à já bem conhecida feira do Azinhal. O mesmo tradicionalismo, que dá ao conjunto um aspecto pitoresco: barracas das «boleiras», «de comes e bebes», arreios, empreita, louças, gados, etc. É incontestavelmente uma das boas feiras algarvias. Pena é que se notasse a falta de que em outros anos os produtos agrícolas dão com regular abundância.

Tudo isso nos faz lembrar a nossa próxima feira, em 7 e 8 de Setembro, próximo. Bairristas, como nos prezamos de ser, desejávamos vê-la com uma pequena imitação da que estamos apreciando.

Notícias Pessoais

Acompanhado de sua esposa e filho, encontra-se em Odeleite o nosso prezado conterrâneo sr. Francisco Branco Romão, que exerce a sua actividade na Capital.

Também acompanhado de sua esposa, nora e neto, encontra-se nesta aldeia o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. José Francisco dos Santos, funcionário público aposentado.

Aniversários

Fizeram anos, respectivamente, em 20 e 21 do corrente mês, a sr.ª D. Mariana Rodrigues Merca e a sr.ª gentis e interessantes meninas Irene Gonçalves Alberto e Isaura Maria Branco. As nossas sinceras felicitações.

Baptismo

Em 19 do corrente, foi baptizada na igreja do Azinhal, a menina Maria do Rosário Baltazar Martins, interessante filhinha da sr.ª D. Ângela Custódio Baltazar e do nosso prezado amigo sr. José Martins Afonso, G. Fiscal.

Foram padrinhos a sr.ª D. Deolinda Martins de Almeida e o sr. Sebastião Simão, funcionário do Instituto de Medicina Legal. São todos naturais de Almada de Ouro (Azinhal). Aos ditos pais e avós, os nossos votos de felicidades. — C.

ALBUFEIRA em festa

Realizam-se, nos dias 1, 2 e 3 de Setembro próximo, as festas da vila-praia de Albufeira, promovidas pela Comissão da «Sopa dos Pobres», com o patrocínio da Câmara Municipal.

É de prever que, a exemplo do que tem acontecido nos anos anteriores, estes festejos se revistam de grande luzimento, pois, além da enorme frequência de banhistas que aquela praia regista este ano, é sempre grande o número de forasteiros que ali se deslocam, tanto do Algarve como do Baixo-Alentejo.

SERVIÇAL

Precisa-se, para tratar de pessoa de idade e serviço de casa.
Nesta redacção se informa.

Esplanadas e Casinos

A artista de «Vozes de Portugal» **MARIA EDUARDA** encontrando-se no Algarve a férias, aceita contratos para actuar nesta provincia

Escrever para:
Rua dos Machados, 6 — TAVIRA

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 18 a 25 de Agosto:

TRAINEIRAS

Sul	101.930\$00
Ramira	91.058\$00
Conceição	52.260\$00
Flor do Guadiana	41.623\$00
Triunfante	34.015\$00
Audaz	33.887\$00
Agadão	31.915\$00
Norte	29.040\$00
Levante	28.150\$00
Pérola do Guadiana	27.405\$00
Tozé	19.560\$00
Leste	19.385\$00
Sol Nascente	16.825\$00
São Torquato	14.815\$00
Liberta	14.600\$00
Tufão	13.230\$00
Sete Estrelas	13.190\$00
Flor do Sul	12.670\$00
Janita	11.315\$00
Rajada	8.320\$00
Jomanel	7.120\$00
Lenita	6.895\$00
Restauração	6.660\$00
Boreal	6.125\$00
Deolinda Rita	5.435\$00
Maria Rosa	4.300\$00
Persistente	3.940\$00
Raulito	3.294\$00
Infante	1.960\$00
Luís Fernando	1.100\$00
Pinguim	840\$00
Total	662.862\$00

CERCO

Novo Machado	31.040\$00
Atum da costa Algarvia	
34 Atuns	33.433\$30
11 Atuarros	7.700\$00
2 Albacoras	1.016\$70
Total	42.150\$00

MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António De 18 a 24 de Agosto:

Entrados:

GOLFINHO, Rebocador Português e o Batelão «Paredes», de 261 ton., do Porto, vazio.
STELLA ALPINA, Italiano, de 847 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
ARBEDO, Suíço, de 996 ton., de Tanger, com carga em trânsito.
CONDESA, Espanhol, de 1.307 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
SONECK, Alemão, de 1.299 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.
HOMBERG, Alemão, de 1.820 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.
STELLA ALPINA, Italiano, para Génova, com conservas.
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
ARBEDO, Suíço, para Génova, com conservas.
GOLFINHO, Rebocador Português e o Batelão «Paredes», para o Porto, com enxofre.
CONDESA, Espanhol, para Génova, com conservas.
SONECK, Alemão, para Hamburgo e Roterdão, com cortiça e conservas.
HOMBERG, Alemão, para Roterdão, com conservas.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 25 a 31 de Agosto, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

LARANJAS

Arrenda-se a produção do Cercado. Tratar com Joaquim Vaz Palma, em Castro Marim.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

PATRIMÓNIO dos pobres

Bênção da primeira pedra
 NO passado dia 18 do corrente mês, o nosso rev. Pároco procedeu à bênção e ao lançamento da primeira pedra do bloco de seis moradias que o Património dos Pobres mandou construir ao sul da rua Jacinto José de Andrade.

Compareceram ao acto os membros da florescente Conferência de São Vicente de Paulo, da nossa vila, e numerosas pessoas dedicadas a esta importante obra de assistência.

No final, o rev. Pároco proferiu algumas breves e oportunas palavras alusivas ao acto.

«Telhas» e «ladrilhos» para as casas do Património

No intuito de interessar todas as pessoas, inclusivamente as crianças, nesta obra de assistência, que não recebe qualquer auxílio ou participação das entidades oficiais, o Património dos Pobres está a distribuir selos no valor de uma telha e de um ladrilho. Mediante a importância de 1\$00 (telha) ou de \$50 (ladrilho), todos poderão auxiliar o Património dos Pobres a realizar a sua importante obra de assistência.

Até fins de Dezembro, o Património dos Pobres terá que pagar as seis moradias: cerca de 150 contos.

Móveis

Começaram a aparecer os primeiros donativos de móveis para as casas do Património dos Pobres. A Ex.^{ma} sr.^a D. Maria Teresa Godinho da Silva, que, há bem

Conta Gotas DOIS VITRAIS

(CONCLUSÃO DA 1.^a PAGINA)

desconfiada. Há dias, levei-a comigo à praia. E depois que fizemos as compras todas, subi com ela a rampa difícil. Lá em cima, o deslumbramento atlântico.

—Aquilo é que é o mar? Perguntou-me.

—E, é o mar. Gosta da praia?

Respondeu distraidamente que sim. Mas os olhos, o sorriso, a alma, tudo nela estava longe. Mais longe do que a vela que roçava o horizonte e que dali, era uma pobre, mal visível mancha.

Quando voltámos, na camioneta, sentadas lado a lado, ela da banda da janela para ver mundo, a Constança atira-me, ao fim da enorme pausa, uma frase—bom, nós chamamos frase, na realidade uma pura exclamação:

—Eu nunca tinha visto o mar. Humanizou-se, a Constança. Profunda gratidão luz em todos os seus modos para mim. E agora, quer eu queira, quer não, quer lhe digam que é mais saudável comer a fruta simplesmente, a Constança não desiste de me fazer a salada de fruta a todas as refeições. E quando me deito, envolve-me os pés na manta azul e acama-os, como se faz às crianças.

pouco tempo, nos entregou generosa quantia em dinheiro, ofereceu agora uma mesa, um guarda-fato, uma cama e cadeiras.

Ninguém mais tem móveis arrecadados, talvez inutilmente, nos sótãos, e que nos queira dar, para as casas dos nossos pobres?

Portas e janelas

Em muito bom estado, recebemos do sr. Emilio Diogo Costa a oferta de algumas janelas e portas, para serem adaptadas às casas do Património.

A todos os generosos benfeitores, os agradecimentos dos

Vicentinos

(CONCLUSÃO DA 1.^a PAGINA)

dia deixar de ser, o simbolismo religioso evidente nos anjos. O colorido é maravilhoso e tratadas com escrupulo e arte as roupagens das figuras, distinguindo-se, sem cansar a imaginação, o brocado da seda e o ouro dos outros materiais vulgares.

A combinação de cores está feita com notável mestria e não há dúvida de que Joaquim Rebocho tira desta circunstância um efeito brilhante. Ausência de cores pesadas e preferência por tonalidades claras (maravilhoso o verde esmeralda das vestes de uma serva da patricia) que fornecem um efeito policromático sugestivo.

Estes dois vitrais fazem parte de um grupo de dez que o grande artista pomalino tem de executar para o monumento lapidário das descobertas e conquistas. Forçosamente os oito que ainda faltam, incluindo a rosácea, confirmarão o seu talento de mestre do pincel e de feiticeiro da cor. E até agora, que sabemos, só os Jerónimos e a igreja onde foi baptizado Joaquim Rebocho, podem exibir os seus riquíssimos vitrais.

Esperemos que ele, como prometete, e nos poucos intervalos que os afazeres lhe deixam, conclua a série de vitrais da nossa igreja com a obra maravilhosa do vitral da frontaria, em que porá, além do seu talento, o amor à terra em que nasceu e que se orgulha de ter sido berço de um dos maiores pintores do nosso tempo. — J. B.

Assina! e propaga! "Notícias do Algarve"

HOMENAGEM ao dr. João Dias

Para a construção na vila de Alcontim de um busto a perpétua memória do saudoso dr. João Dias, foram recebidos mais os seguintes donativos:

Transporte . . .	50.779\$00
João Batista Gonçalves . . .	50\$00
D. Manuel Bravo . . .	50\$00
Fernando Vaz Pires . . .	20\$00
Hilderico do N. Pires . . .	50\$00
João Bernardino Pires . . .	50\$00
Maria R. Gutierrez . . .	10\$00
José Augusto Chagas . . .	5\$00
José da Silva Trindade . . .	5\$00
António G. Pereira . . .	40\$00
Manuel Mateus Pereira . . .	20\$00
António Vicente Júnior . . .	20\$00
José Munhóz André . . .	10\$00
Ernesto da S. Barradas . . .	2\$50
Elvino Abreu e Silva . . .	5\$00
Manuel F. Claudio . . .	20\$00
Manuel da Palma . . .	20\$00
Moagem de Cabela . . .	20\$00
António L. Teresa . . .	5\$00
José António Leitão . . .	3\$00
Amândio Pereira . . .	2\$50
A transportar . . .	51.636\$00

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António EDITAL INVENTÁRIO DOS BALDIOS

Para conhecimento de todas as pessoas interessadas, abaixo se transcreve o teor da deliberação tomada por esta Câmara, na sua reunião ordinária do dia 16 de Agosto corrente, acerca do assunto em epigrafe:

«A Câmara, reconhecendo não estar completa a sua deliberação que originou o aviso de 9 de Abril do corrente ano sobre o inventário dos baldios, publicado nos jornais «Correio do Sul» e «Notícias do Algarve», de, respectivamente, 12 e 15 do referido mês de Abril, resolveu, por unanimidade, em seu aditamento, notificar por éditos todos os proprietários de terrenos que não estejam afectos a agricultura e que pelo seu desaproveitamento se possam confundir com os baldios municipais. para, no prazo de 6 (seis) meses, a contar da data deste edital, lhe requererem licença para murarem os aludidos terrenos, cujos trabalhos deverão ficar concluídos no prazo de um ano também a contar da data deste edital, sob pena desta Câmara usar dos seus direitos de posse, em virtude dos seus proprietários o não terem usado, podendo até acontecer que o tenham perdido por prescrição, incluindo os no inventário dos terrenos baldios do concelho. Exceptuam-se os proprietários que, nos citados prazos, requeram licença para edificação nos aludidos terrenos e levem a efeito as construções.»

Para constar e devidos efeitos se publica este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos deste concelho.

Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, aos 22 de Agosto de 1956.

O Presidente da Câmara, José Victor Adrigão

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

o CEGO DO AVENAL e a sua cabra

Conto por SOUSA NUNES

HÁ muitos anos que travei conhecimento com as boas terras da Estremadura e Ribatejo, em volta da Serra de Monte-Junto, e gostei tanto delas que passei a visitá-las um mês em cada verão.

Sofria da psicose de escrever novelas e de contar lampanpas a quem gostasse de me ouvir, e tornei-me muito conhecido.

Naquele verão, escolhi para gozar as minhas férias o lugar do Avenal, ao norte da cordinheira e a 260 metros de altitude. Não conhecia ali ninguém, nem desejava criar outras relações.

Aluguei uma casa num bairro do lugar, constituído por duas filas de moradias, como se fosse uma moderna vila nos arredores de Lisboa. No primeiro dia nocte que uma delas, a segunda antes da minha, fora interrompida na sua construção, estando por rebocar, a porta e as janelas tapadas com tábuas.

Porque se não concluiu aquela moradia, estando as últimas já habitadas?—fiquei a cismar três dias, sem encontrar quem satisfizesse a minha curiosidade.

Na quarta noite que ali dormi, ao despertar de manhã com o sol, vim para a rua e fiquei com a casa por acabar diante dos olhos, a torturar o meu espírito com o enigma sem resposta.

No fundo da rua surgiu então uma rapariga nova, no traje e no aspecto, considerada no sítio moça rica ou, pelo menos, das que não trabalham no campo, ao calor e ao frio. Não vou dizer que fosse uma formosura de cegar os homens, mas sim tão encantadora que não dava gosto ter os olhos noutra coisa, com ela presente.

Caminhava sempre na minha direcção, de cabeça baixa e, ao aproximar-se de mim, levantou os olhos, sorriu e cumprimentou, estendendo a sua mão:

—Bom dia, sr. «Nuno».

Era assim como todos me tratavam e me tratam um pouco ainda, naquelas redondezas, mas o que eu estranhei muito foi ela saber que assim era conhecido, não me dando eu a conhecer ali a ninguém.

—Sou irmã do homem em cuja casa mora, e chamam-me Chica.

—Muitos parabéns de lhe darem diminutivo tão doce.

—Meus pais têm catorze filhos; e dez estão casados e quatro solteiros. Para cada um mandaram construir aqui uma moradia, duas das quais ainda não subiram dos alicerces.

—Diga-me, primeiro que tudo, a razão por que ficou para concluir aquela que está por rebocar e sem portas, quando as restantes, excepto duas, já estão habitadas.

—A razão foi uma zanga de namorados... Quer escrever alguma novela?

—Não sei os nomes dos personagens nem o motivo da sua zanga.

—Ele cegou dos dois olhos.

—Que desgraça! E ela?

—Não podia casar com um cego...

—Meu Deus, nunca ouvi coisa semelhante! E perguntava a menina se eu eu queria escrever alguma novela?

—Não sei os nomes dos personagens nem o motivo da sua zanga.

—Ele cegou dos dois olhos.

—Que desgraça! E ela?

—Não podia casar com um cego...

—Meu Deus, nunca ouvi coisa semelhante! E perguntava a menina se eu eu queria escrever alguma novela?

—Não sei os nomes dos personagens nem o motivo da sua zanga.

—Ele cegou dos dois olhos.

—Que desgraça! E ela?

—Não podia casar com um cego...

—Meu Deus, nunca ouvi coisa semelhante! E perguntava a menina se eu eu queria escrever alguma novela?

—Não sei os nomes dos personagens nem o motivo da sua zanga.

—Ele cegou dos dois olhos.

—Que desgraça! E ela?

—Não podia casar com um cego...

—Meu Deus, nunca ouvi coisa semelhante! E perguntava a menina se eu eu queria escrever alguma novela?

—Não sei os nomes dos personagens nem o motivo da sua zanga.

—Ele cegou dos dois olhos.

—Que desgraça! E ela?

—Não podia casar com um cego...

guma novela? E se fosse lida em Apra?

—Que é Apra?

—O nome da minha terra. Eles namoravam-se, mas não se queriam bem! Ela não gostava dele e serviu-se de um meio tão indigno para o deixar!

—Não viam outra coisa senão um ao outro.

—De que cegou o desgraçado? Dalguma doença muito grave?

—De um tiro de chumbo com arma caçadeira, que recebeu no rosto, numa aldeia por detrás da serra, numa desordem em que se meteu, sem ser chamado.

—Era seu irmão?...

—Era meu noivo.

—Da Chica? Pareceu-me tão simpática quando a vi chegar!

—E agora?

—Vou retirar-me.

—Espere que chegue Herculan, para lhe mostrar as nossas vinhas.

—Quem é Herculan?

—É a minha irmã mais nova.

—Adeus, Chica, até mais ver.

—Despediram-se, e este «até mais ver» levou seis anos a chegar. Eu encontrava-me em Pragança, distante 6 quilómetros para nascente. Era uma noite da festa de Nossa Senhora das Neves e deliciava-me a ver dançar, num terraço suspenso na serra, quando vi chegar, ao pé de mim, uma velha de cabelos tão brancos como as paredes da igreja, e cumprimentar:

—Boa noite, sr. «Nuno».

—Boa noite, Chica!

—Vocemecê ainda me conhece!

—E vocemecê a mim?

—O sr. «Nuno» está como o vi há seis anos. Que faz para conservar sempre o mesmo parecer?

—Não faço mal a ninguém, não sinto remorsos no meu peito.

—Eu também não fiz nenhum mal a ninguém, nem encontrei nunca um remorso no meu peito, e estou toda branca. Naquele ano em que nos encontramos casei com um moço do Carvalho, com bastante de seu e tenho dele três filhos e três vinhas...

—E o cego?

—Está riquíssimo!

—Como aconteceu isso?! Não a pedir esmolas nem a cantar pelas feiras?

—A moer trigo. Eu não lhe disse que, quando nos namorávamos, ele era ajudante de moleiro? Ao perder os dois olhos, comprou um moíno e três burras para acarretarem o trigo ao moíno e a farinha a casa dos donos do grão, que não lhes davam vendido. E nunca estava parado um instante e fazia tudo melhor do que os companheiros com dois olhos. Só o que lhe custava era picar as mãos.

—Infeliz!

—Nas suas voltas do moíno para casa dos clientes e vice-versa, começou a encontrar-se com uma cabra que nunca mais o desamparou!

—Com uma cabra?

—Uma autêntica cabra em figura de mulher, com uma cabrinha ao colo, e um cabaz de bujngangas—espelhos, pentes e agulhas, para a venda, mas que ninguém lhe comprava, pelo rançar que lhe tinham. Uma tarde, quando chegaram, fechou-se a chover e ela pediu-lhe que a deixasse abrigar-se no moíno com a cabrinha. E enquanto a chuva não passava, ajudou-lhe a picar as mãos. Nunca mais se separaram. Como não podiam ficar todos em espaço tão pequeno, fizeram da cabana das burras um palácio, onde moravam todos os seis. No ano seguinte trocou as burras por mulas, no outro mandou colocar no moíno mais um par de mãos para moer milho. No ano seguinte comprava todo o terreno que vem lá do alto até à ribeira e meteram-no de vinha. Que mais farão? Decerto que uma moagem. E a verdade é que toda essa gente, que tão mal dizia dela, acham-na agora encantadora e a cabrazinha com dez anos já olha para a sombra! E olhe que não lhe hão-de faltar pretendentes, apesar de ninguém saber quem é o pai...

—Não fale mais, Chica, que tem as lágrimas a rebentarem-lhe dos olhos, e vai parecer muito mal.

—Eu sinto aliviar-me o coração quando descarrego sobre ela esta bilis que me dilacera por dentro...

Grandiosas Festas de Aliamonte

(ESPANHA)

EM HONRA DE

NOSSA SENHORA DAS ANGÚSTIAS

nos dias 7, 8, 9, 10 e 11 de Setembro de 1956

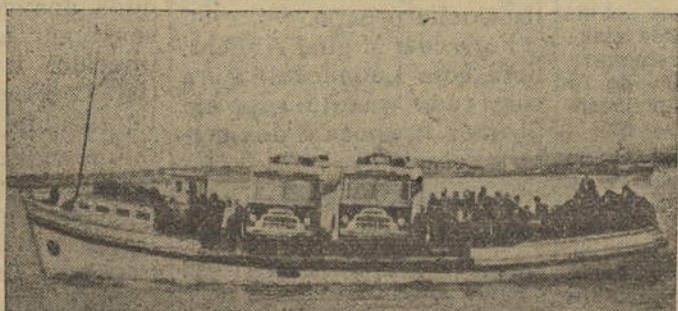
realizar-se-ão as tradicionais FESTAS DA CIDADE DE AIAMONTE, em honra de sua Excelsa Padroeira, NOSSA SENHORA DAS ANGÚSTIAS, as quais se revestirão este ano de excepcional brilhantismo.

HÁ FACILIDADES DE FRONTEIRA!

Espera-se, este ano, grande afluência de visitantes portugueses, em virtude das máximas facilidades que foram concedidas, nas fronteiras Portuguesa e Espanhola, por acordo entre as Ex.^{mas} Autoridades dos dois países irmãos, bastando para isso a apresentação do bilhete de identidade e documento abonatório passado pelas Ex.^{mas} Autoridades dos respectivos Concelhos.

A EMPRESA DE TRANSPORTES DO RIO GUADIANA, L.^{DA}

de VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, tem os seus serviços de tráfego internacional montados de forma a assegurar o trânsito fluvial entre Vila Real e Aliamonte, com rapidez e segurança dos Srs. Passageiros, podendo transportar Veículos Automóveis, Autocarros, etc., no seu novo e magnífico «Ferry-boat» «CAMPINO».



PRESTAR-SE-ÃO TODAS AS INFORMAÇÕES

Nos Escritórios da EMPRESA DE TRANSPORTES DO RIO GUADIANA, L.^{DA}

Avenida da República—VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

«OUT-BOARD»

Com 4 metros, em madeira de casquinha, orado a cobre.

Vende: Construtor José Germano, Avenida da República—Vila Real de Santo António.

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

O FIO DE NAVALHA

LHA DO PODER

O poder é, geralmente, uma espécie de ponte de Mafoma, estreita como o fio duma navalha. E porque assim é, poucos são os que sobre a ponte se equilibram. Quando mal se precatam, estatelam-se, empurrados por outros que, por sua vez, querem trepar.

Sobre o fio de navalha do poder só podem manter-se, por muito tempo, aqueles que precisamente não tenham amor ao mando e... ilhas adjacentes, e que o aceitam como quem cumpre um dever — o dever de bem servir. De bem servir — mas não de servir-se. De bem governar — mas não de governar-se.

CRÍTICA QUASIMODIANA

Certos críticos — dos de aquém e de além-mar — têm uma atitude toda quasimodiana perante as obras sobre que se pronunciam; olham com dois olhos estupidamente abertos, mas olhos muito singulares, porque um deles não vê e o outro vê de esguelha.

E se um deles não vê e o outro vê de esguelha — podemos imaginar que espécie de «críticas» fazem... E' de «críticas» pendurar uma mó de molinho ao pescoco e ir nadar para o Oceano Pacífico, ou oceanos adjacentes...

A ILUSÃO DO AERONAUTA

Certo amigo de Alexandre Dumas, aeronauta um tanto teórico, deu, certo dia, uma palmada na testa (a palmada do eureka), e disse aos seus íntimos e ao público:

— Resolvi o problema da navegação aérea!

E, anunciando isto a gregos e a troianos, assim raciocinava o nosso homem:

«A terra gira — ep pur si moovel E, neste movimento de rotação sobre si mesma, apresenta, sucessivamente, todos os pontos da sua superfície deserta e habitada. Ora, todo aquele que se elevar até as últimas camadas do ar ambiente e achar meio de se fixar nas alturas, desce num balão sobre a cidade do globo em que quiser ficar; basta, para tanto, esperar que a dita cidade lhe passe debaixo dos pés; deste modo — conclui o nosso aeronauta das Arábias — vai aos antipodas, em dose horas, e sem qualquer espécie de fadiga, porque não se mexe do seu lugar; é a Terra a andar para ele...»

Este cálculo seria oiro sobre azul, se adregrasse de estar certo... O homenzinho não considerou que a Terra, no seu movimento, arrasta consigo toda a atmosfera.

A que propósito vem esta história do aeronauta que não estava no segredo da gravitação?

Só para isto: para dizer que há pessoas que se julgam muito originaes, descobrindo e inventando por conta própria, sem influências de qualquer espécie, sem girarem na órbita seja de quem for, quando, afinal, e sans le savoir, são arrastados pelo seu meio, pela sua época, reflectindo aquela e esta.

Julgavam essas tais pessoas que já iam muito adiantadas na sua originalidade, quando tristemente verificaram que estavam a plagiar meio mundo... Julgavam-se pontos isolados nas alturas, quando, afinal, segulam arrastados pela gravitação de mil influências inapercebidas...

UMA INFORMAÇÃO DOS C. T. T. sobre o serviço telefónico

de Alcoutim

Com referência a uma local publicada no número deste jornal de 6 de Maio do corrente ano, em que se apontava a necessidade de dotar a povoação de Alcoutim com um posto telefónico público de horário permanente, em virtude de encerrar às 21 horas o estabelecimento onde está instalado o posto público existente naquela vila, informa-nos a Administração Geral dos C. T. T., por intermédio dos Serviços de Imprensa do S. N. L., «que não é possível satisfazer aquela pretensão, em virtude do encerrado do Posto existente não desejar desempenhar horário permanente, e não haver na localidade outra pessoa que o queira fazer.»

«Desde que alguém, com as necessárias habilitações e idoneidade, se prontifique a tomar esse encargo, a Administração Geral dos C. T. T. não tem inconveniente em dar satisfação ao que se pretende.»

Fica, pois, dependente da boa vontade dos próprios alcoutinenses a satisfação da necessidade de que este jornal se fez eco.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

RECORDAÇÕES...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

que eu vinha para o 6.º ano, foi ele quem me disse, ao chegarmos à capital: — *Olha, tu instalas-te aqui no Francfort de Santa Justa até à tarde, porque, como não sabes nada disto, eu vou arranjar-te casa em sitio bom.*» E foi assim que eu vim a ficar instalado na casa onde sempre morei aqui, na rua da Penha de França, 52, 2.º, — em casa de duas senhoras velhas, amigas, vivuas ambas, uma com uma filha já mulher, que namorava um ajudante de farmácia com que depois casou, e a outra com um sobrinho, o Duarte, um rapazote empregado no caminho de ferro, no Rossio. A única mudança que houve foi o passarmos depois para o 3.º andar, e a rua ter passado a ser mais tarde Calçada de João do Rio (hoje Calçada do Engenheiro Miguel Pais, conforme acabo de ver). Porque a casa ainda lá está, com a mesma porta e a mesma escada, e ao lado dela, de um e outro lado, o mesmo rés-do-chão onde do lado de baixo havia uma taberna — o três-em-uma, com uma tabuleta pitoresca alusiva, e do lado de cima um restaurante do mesmo nome, aonde a rapaziada da Politécnica aflui...

No meu primeiro ano de Lisboa, o 6.º ano de curso, no Liceu do Carmo, lembro-me do velho reitor dr. José Maria Rodrigues, a correr atrás da rapaziada endiabrada, e lembro-me de três professores — o *Psíquê*, da filosofia ensinada pelo Boirac, pequenino, todo nervoso na sua vivacidade, o Sá e Oliveira, recentemente despadrado, fino, sagaz, muito simpático, e sobretudo o bondoso Morais de Almeida, que foi quem, com paciência paternal, todo corado e carregando muito nos rr, me rasgou o véu da matemática...

A PEQUENA IMPRENSA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

único no mundo, bem merecia ter vindo, há muito, ao domínio público e deveria ser agitado por toda a imprensa não-diária, para que as inúmeras pessoas que nela estão empregadas e que altamente servem os interesses da Nação pudessem ficar em igualdade de direitos perante os outros colegas — que não são apenas os da chamada grande Imprensa, grande por cobrar altos preços pelos anúncios e por empregar títulos de caixa alta.

Nesta distinção entre jornalistas sindicalizados e escribas, os principais visados são os redactores da Imprensa regionalista, e talvez fosse esse, verdadeiramente, o objectivo a atingir. A nobreza não pode andar misturada com a ralé. Todavia, neste caso, a ralé tem honrosas tradições e um alto nível intelectual, além de um aprumo moral que não fica mal ao pé da nobreza. A ralé não a deslustra, antes, pelo contrário, ajuda a nobilitá-la.

A Imprensa regionalista carece de se impor e fazer valer os seus direitos, iguais a todos quantos têm um único e comum objectivo, engrandecer a Pátria que lhes foi berço.

O Sindicato Nacional dos Jornalistas deve abranger todos os jornalistas, sem quaisquer distinções.

A Carteira Profissional deverá ser dada a todos os profissionais de Imprensa — periódica ou diária — que a ela tenham direito.

A Casa da Imprensa deve ser de toda a Imprensa, e tanto os grandes como os pequenos jornais e demais publicações dela devem fazer parte.

A modéstia sempre ficou bem entre os grandes, muito embora nem sempre sejam estes que mais uso fazem dela.

José dos Santos Marques

ca... — a mim, como a tantos outros, certamente.

Na mesma turma me encontrava eu, vindos de Faro, com o Justino Bivar e com o José Sieuve Afonso, que, mais velho do que eu, fora em Faro o meu constante companheiro de estudo. (A propósito dele, lembro-me de que seu pai, o então director das obras públicas, nas férias em Olhão, nos explicava por vezes coisas da difícil matemática e me emprestava uma vez um volume da biblioteca de seu pai, o defunto dr. Estêvão, um volume com obras do teatro de Victor Hugo, o *Hernani*, o *Ruy Blas*, a *Marion Delorme* e o *Roi s'amuse*, que assim fiquei desde então a conhecer, excepcionalmente.

Na turma, outros rapazes a minha simpatia escolheu: o Arruda Furtado, o Malheiro Reimão, o Feliciano da Costa, o Tibircio Teixeira. Ali aprendi, casualmente, estenografia, com um oficial do exército que abria um curso facultativo, com a aula repleta no primeiro dia, mas que acabou por ficar só com uns seis, dos quais fui um...

Nesse ano lectivo (1901/1902), como o Justino Bivar morava ali perto, na rua da Escola Politécnica, em casa de seu tio, o velho conselheiro Luís Bivar, e eu ia por vezes procurá-lo, ainda tive ocasião de conhecer assim o venerando presidente da Câmara dos Pares.

No ponto de vista cultural, foi todavia para mim, esse ano, quase nulo...

A minha verdadeira vida intelectual só começou no ano seguinte, com o meu sétimo ano no Liceu da Regaleira, a S. Domingos. O acaso do nome Francisco fez-me ter por companheiros de carteira dois outros Francisco: do lado esquerdo, Francisco de Castro-Freire; do lado direito, Francisco Pulido Valente. Ao primeiro fiquei a dever o ter lido toda a obra de Eugénio de Castro, desde as *Cristalizações da morte*, início clássico ainda, que ele me ia emprestando da biblioteca de seu pai, o dr. António de Castro-Freire, tio do poeta... (Tive assim ocasião de ver a curiosa evolução da caligrafia deste, através do seu nefelibatismo, pelas dedicatórias da oferta: *ao seu tio e amigo*...) E escuso de dizer como a obra do excelso poeta e artista encontrou perfeito eco no meu gosto, ficando na minha memória, desde então logo, muitas das suas melhores poesias, tanto mais quanto pouco depois adquirira o volumezinho das *poesias escolhidas*, prefaciado por Silva Gaio, que preciosamente conservo ainda.

Ao outro Francisco — a quem por todas as afinidades me liga uma fraterna amizade — fiquei a dever a camaradagem que mutuamente nos levou para a leitura do Baudelaire e do Guyau e das generosas obras de intuito social que encontrávamos no célebre Kiosque do Rossio, hoje abolido. Falava-me ele muito do dr. Joaquim Madureira, que lhe revelara a *Degenerescência* do Max Nordau. E como sucedeu que na nossa turma éramos nós os dois que melhor sabíamos francês, além do português, isso mais nos aproximou ainda...

Ora um dia, creio que conhecendo já eu, por ele, o Carlos Olavo, então militar em perspectiva, o Pulido me fala de um rapaz que tinhamos que conhecer, o Ramada Curto, que já fizera uma peça de teatro e estava a escrever um romance... E foi pelo Ramada, que cantava trechos do Wagner na sua espantosa voz de cantor-compositor que imitava todas as vozes e todos os instrumentos, que eu vim a conhecer a música expressiva do gigante de Bayreuth — antipoda dos garganteados vácuos do famoso *bel canto* italiano, que eu visceralmente detestava...

Nascido pois, assim para o mundo musical (eu aprendera solfejo em Olhão com o meu saudoso colega, o velho dr. Luís Bernardino

FESTAS DA VILA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

nação, pelas ruas da vila. À passagem na Avenida da República, as embarcações de pesca, embandeiradas festivamente, saudarão com apitos das seretas e foguetes a Virgem Nossa Senhora. Ao recolher haverá sermão. Às 22 horas — Concerto musical pela excelente Banda de Tavira, na Praça Marquês de Pombal, seguindo-se vistosos fogos de artifício. Durante a procissão, as janelas das casas sitas nas ruas do percurso ostentarão vistosas colgaduras.

da Silva, flautista distinto e amador culto, que fora em 1880 um dos fundadores da Academia dos Amadores de Música, e era companheiro e amigo do Augusto Neuparth e do Viana da Mota), pouca música verdadeira conhecia ainda, além de uma ou outra peça de caixas de música ou de realejos de discos de cartão, e além de passos-dobles e das marchas fúnebres e graves das filarmónicas locais. Assim, a minha atenção musical dirigia-se agora para os excelentes programas do sexteto do Jansen, a cervejaria que todas as noites o nosso grupo — Olavo, Ramada, Pulido, Israel Anahory e eu — frequentava para ouvir o Caggiani ou o Pedro Blanch (violinos), o Bonnet (piano) e o Passos (violoncelo), e para os concertos da Banda da Guarda Municipal, na Avenida, aos domingos, com o velho Gaspar e depois o maestro Fão.

Ora em 1903, no S. Carlos dava-se uma ópera, *O Demónio*, de Anton Rubinstein, sobre um conto de Lermontoff, com um prólogo exclusivamente sinfónico, ilustrado pela projecção de uma paisagem selvagem em quadros dissolventes. A música era, como mais tarde reconheci, dum género misto italo-beethoveniano-wagneriano. Agradou-me então muito. Ainda me lembro duma ária célebre — a ária de Azael... Enfim, posso dizer que fui tentado pelo *Demónio*... E desde então, pensei em fazer uma ópera... A princípio sobre o *Eurico*, de Herkulano: esbocei um libreto e compus uma ária de poesia lenta e grave, que ainda conservo de memória. Depois rodei para a *Constança*, do Eugénio de Castro, para a qual rabisquei também algumas passagens musicais. Mas por fim, tendo-me o Ramada emprestado a *Belkiss* — libreto em prosa, já feito e pronto, por assim dizer, a ele me atirei então, aí por 1907 ou 1908, pois encontro apontamentos datados deste ano.

Voltando porém ao meu sétimo ano, de 1905 a 1904, foi nesse ano que, nascido também já para a filosofia, pela leitura do Fouillée e do seu genial enteado Guyau, entrei com o Platão, ali na Biblioteca Nacional, pela porta do *Teateo*, na elegante tradução de Victor Cousin; e assim me encontrei com o velho Sócrates, — meu semelhante e meu irmão.

Escuso de dizer que a Biblioteca Nacional foi desde então a minha verdadeira Universidade, em letras e em ciências e filosofia... (e não era só minha, naturalmente; ainda me lembro, pelo menos, de um outro que lá via, assíduo, o hoje dr. Gustavo Cordeiro Ramos...)

Mas nesse meu sétimo ano, à rapaziada da minha turma juntara-se a da outra onde vinham o Alberto Mac-Bride, que de amizade se ligara ao Pulido e a mim, e o Trindade Coelho, e tantos outros, notáveis depois. E toda essa rapaziada confraternizou na representação que se fez, ali no D. Amélia, da peça de despedida, *Nos jardins de Academo*, arqui-tectada pelo João Marcelino Dias Pereira, mais homem já que qualquer de nós, sargento-cadete, e que me convidara para a escrever de parceria com ele. Conservo o único exemplar dessa *pochade*, a que o nosso mestre Borges Grainha, numa aula se referiu depois lisonjeiramente para nós, sobretudo para o Marcelino, talento verdadeiro, pois a minha parte fôra bastante medíocre... Não recordaria essa recita se o seu produto, avultado ainda assim, não tivesse sido destinado ao monumento a Antero de Quental que então se projectara; pois a figura e a poesia de Antero haviam merecido a nossa veneração; e numa *Revista Académica* de que se publicaram apenas três ou quatro números, dirigida ou secretariada pelo João Marcelino, pelo Feliciano da Costa, pelo Melo Vieira e por mim, um dos números fora dedicado ao Antero, com um inflamado artigo medíocre da minha lavra a circundar o retrato do filósofo-poeta, reproduzido do *In Memoriam* que eu recentemente adquirira.

Foi nessas horas de mocidade e de efervescência que um dia o Pulido e eu, falando da carreira a seguir, nos decidimos pela Medicina — ou, melhor, me decidi eu, pois ele já estava tentado desde que o Francisco Gentil o operara não sei de quê. Tendo ambos cultura literária a par da científica — (o sétimo ano de então era de letras e ciências), olhámos com certo desdém para os advogados, uns palavrosos, literatídes, estranhos à ciência, sem o espírito científico que a Medicina podia dar... E assim a Medicina o captou a ele — com a eficácia que se sabe, e me captou

NOTÍCIAS E APONTAMENTOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Missa dos Doentes e outras cerimónias e festividades.

Tudo isto são factores realmente de atender, e por isso fazemos votos para que se encontre um meio de satisfazer os desejos unânimes da população desta vila, a fim de que tal vantagem nos seja proporcionada, em breve.

Novo Quartel para os Bombeiros

O PROJECTO para o quartel dos Bombeiros — Voluntários desta vila, que o architecto sr. Jorge de Oliveira tem o encargo de elaborar, parece estar na última fase da sua confecção, devendo, muito em breve, ser entregue para a definitiva aprovação do sr. ministro das Obras Públicas. Os trabalhos para a respectiva edificação aguardam, entretanto, que o referido architecto faça a anunciada entrega.

Casas para habitação

O ASSUNTO já vai entrando no âmbito das coisas banais. Já se lêem, com uma certa indiferença, as notícias que, quase diariamente, a Imprensa transmite ao público: na cidade de tal estão a construir-se dezenas de casas para habitação; na vila de X... foi a concurso a empreitada para a construção de um bairro de moradias para os trabalhadores; os capitais da Previdência

Uma Crónica por semana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

das nossas praias, as tonalidades cromáticas dos nossos campos, e gozam as delicias do nosso sol.

Sintra é para eles um paraíso e toda a nossa costa, principalmente de Lisboa ao Guincho, uma segunda Riviera.

Pelo contrário, os portugueses — de uma maneira muito geral — quando chegam a qualquer parte, o que procuram imediatamente são os prazeres.

Não há portuguêsito que ponha os pés em Espanha que não fale das espanholas, do Pasapoga e de outros casinos semelhantes.

Se vai a França, pouco lhe interessam os Campos Elísios, o Louvre, a Notre-Dame, os Inválidos ou outras atracções semelhantes. O essencial é ir as Folies — e, se lá não foi, não viu Paris.

A Dinamarca, por exemplo, é uma sensaboria. Não há nada como a Espanha. Sim, a Espanha, as espanholas. A França, as francesas — loiras, rui vas, morenas, existencialistas, futuristas, tira-escudistas, etc. Disto é que ele gosta. Isto é que lhe enche o papo.

Fora com Miguel Ângelo! Fora com Leonardol! Fora com tudo quanto seja espírito! A época é dos materialistas!

José dos Santos Marques

também a mim, que, nunca tendo querido absorver-me nela, com quebra do meu visceral enciclopedismo incoercível, não vim afinal a passar dum vulgaríssimo *João Semana*, — por demais, enquistado desde há quarenta anos numa terra de província, onde, por ser a minha terra natal, jamais virei, decerto, a ser profeta...

Lisboa, 16 de Agosto de 1956.

Francisco Fernandes Lopes

vão ser arejados com a sua participação na melhoria do problema habitacional, etc. etc.

E os vilarrealeses lêem, deleitados, com indizível prazer patriótico, a azáfama que vai por esse País fora para se resolver esse magno problema que tanto aflige a população portuguesa. Lê e pensa que também aqui seria de grande utilidade a edificação de uma centena de casas. Lê e sonha...

Entretanto, acomoda-se com mais duas ou três famílias nos compartimentos de qualquer casa, que mal chega para nela viver uma só família.

Indústria de Conservas de Peixe

OS organismos da indústria de conservas de peixe estão trabalhando no sentido de se dotar a profissão com novas condições colectivas de trabalho. Ao que nos consta, já foram elaborados os respectivos projectos contractuais, aguardando-se a decisão do Governo para que os mesmos vejam a luz da realidade.

Doca de Pesca e Apeadeiro

JÁ se iniciaram os trabalhos preliminares da doca de pesca desta vila, e bem assim os do apeadeiro — término (Guadiana), da Linha do Sul, junto à fronteira.

FESTAS DAS ANGÚSTIAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Guadiana, Lda., que fará carreiras especiais, podendo transportar veículos automóveis, autocarros, etc. num excelente «ferry-boat», com rapidez e segurança, para a outra margem do Guadiana.

Conforme anunciamos, haverá facilidades de fronteira, pelo que bastará trazer o Bilhete de Identidade ou qualquer documento abonatório passado pelas Autoridades dos respectivos concelhos. Como nos demais anos, espera-se também este ano enorme afluência de visitantes portugueses às festas aliamontinas.

A VOLTA A PORTUGAL em Bicicleta

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

celentes serviços que, nas suas breves estadias entre nós, tem prestado à causa do Desporto na nossa terra, e em especial ao Lusitano, já conquistou, por mérito próprio, o direito ao título, de «sócio honorário» do nosso popular clube.

Contrariamente ao que noticiámos no nosso número anterior, por nos ter sido comunicado directamente pela Direcção de «Estrelas de Portugal», este agrupamento artístico não chegou a exhibir-se, na festa realizada em 22, à noite, na Praça Marquês de Pombal, para distribuição dos prémios aos corredores. Em seu lugar, actuaram os conhecidos e apreciados artistas Jôseca e Fernanda Peres, além de outros.

Após a entrega dos prémios aos ciclistas, houve troca de cumprimentos entre os srs. António Ruivinho e dr. Tavares da Silva.

O produto liquido desta festa, que se prolongou para além das 3 horas da madrugada, foi distribuído pelo Lusitano, Bombeiros Voluntários e «Sopa dos Pobres».

Lisboa, 16 de Agosto de 1956.

Visado pela Comissão de Censura